

Tratamento mais FÁCIL, MESMA EFICÁCIA

Métodos atuais de controle da infecção pelo vírus que causa a aids exigem regimes de medicamentos que chegam a 11 comprimidos diários. Agora, ambicioso estudo internacional indica que uma pílula diária pode substituir toda essa carga

» RAFAELA LEITE*

Um comprimido oral diário que associa os antirretrovirais bictegravir e lenacapavir (BIC/LEN) mostrou-se tão eficaz quanto os tratamentos convencionais contra o HIV que exigem múltiplos comprimidos ao longo do dia. Segundo estudo internacional de fase 3, liderado por pesquisadores da Queen Mary University of London e publicado na revista *The Lancet*, o esquema experimental pode facilitar a rotina dos pacientes sem comprometer a segurança ou o controle da infecção.

De acordo com a professora de medicina da Queen Mary University of London Chloe Orkin, uma das autoras do trabalho, “o BIC/LEN combina os componentes ativos do bictegravir, um inibidor da integrase recomendado pelas diretrizes globais e com alta barreira à resistência, e do lenacapavir, o primeiro inibidor de capsídeo da sua classe, desenvolvido para interromper a replicação do HIV em múltiplos estágios críticos”. O regime é administrado uma vez ao dia, reduzindo a chamada “carga de comprimidos” enfrentada por pessoas com tratamentos prolongados.

O ensaio clínico incluiu mais de 550 adultos em 15 países, todos com carga viral indetectável, mas usando regimes complexos, com dois a 11 comprimidos diários; cerca de 40% precisavam tomar remédios mais de uma vez ao dia. A idade média foi de 60 anos, variando entre 22 e 84 anos, e muitos participantes tinham outras condições de saúde, como doenças cardíacas ou renais, além de histórico de resistência a tratamentos anteriores.

Após a mudança para o comprimido único, quase 96% dos voluntários mantiveram níveis de HIV abaixo de 50 cópias/mL durante 48 semanas, sem surgimento de novas mutações. Entre aqueles que continuaram nos esquemas tradicionais, a supressão viral variou entre 94% e 96%. A contagem de células CD4 fundamentais para o sistema imunológico permaneceu estável em ambos os grupos.

Benefícios e riscos

Além de manter a eficácia, o estudo identificou vantagens complementares, como menor aumento do colesterol e maior facilidade de adesão diária ao tratamento. “Há uma necessidade significativa de opções mais simples para pessoas que dependem de múltiplos

Freepik



Nova técnica surge para substituir casos em que tratamento exige carga de até 11 comprimidos por dia, o que dificulta muito a adesão ao tratamento

Para saber mais

Pílula única no Brasil

Segundo o infectologista Daniel Paffili Prestes, no Brasil, já existem tratamentos para HIV em dose fixa única diária, disponíveis tanto pelo SUS quanto por meio de prescrição na rede privada. São esquemas modernos, eficazes e alinhados às diretrizes

nacionais, pensados para facilitar a rotina de quem vive com o vírus, mas não com os mesmos medicamentos usados no estudo liderado pela universidade britânica. Ele explica que, entre as opções mais utilizadas estão combinações em um único comprimido por dia, como o Biktarvy, que reúne três antirretrovirais em uma só medicação, e o Dovato, composto por dois antirretrovirais em dose diária única. Esses esquemas fazem parte da prática clínica atual e são amplamente adotados no país.

De acordo com o médico, a preferência por esses tratamentos se deve a

alguns fatores importantes. Eles oferecem excelente controle da carga viral, contam com alta barreira genética à resistência, favorecem a adesão por exigirem apenas um comprimido ao dia e, de modo geral, são bem tolerados pela maioria dos pacientes. “Já a combinação específica que uniria bictegravir e lenacapavir em um único comprimido ainda não está disponível no Brasil. Essa estratégia segue em fase de estudos, e o lenacapavir, até o momento, não integra um regime oral diário em dose fixa aprovado para uso comercial no país”, afirma Prestes.

podem ser confundidos com uma virose comum. Na fase crônica, a queda dos níveis de CD4 ocorre silenciosamente”, detalha o especialista.

Segundo ele, a terapia antirretroviral, fornecida gratuitamente pelo SUS no Brasil, bloqueia a multiplicação do vírus. Esquemas iniciais costumam combinar tenofovir, lamivudina e dolutegravir. “O tratamento deve ser iniciado o quanto antes e permite que a pessoa vivendo com HIV tenha expectativa de vida semelhante à da população geral. Quando a carga viral se torna indetectável, o vírus não

é transmitido sexualmente, conceito conhecido como Indetectável = Intransmissível”, reforça Prestes.

O especialista observa que o lenacapavir é eficaz mesmo contra vírus multiresistentes, sendo indicado para pacientes que acumulam mutações ao longo do tempo. “Ainda assim, a resposta depende do perfil individual, tornando indispensável a realização de teste genotípico. Nem todos os pacientes multiresistentes respondem adequadamente a esquemas com apenas dois fármacos”, acrescenta.

Palavra de especialista

Não é só um ganho técnico

Arquivo Pessoal



Tomar vários comprimidos ao longo do dia não é apenas uma rotina farmacológica. Para muitas pessoas que vivem com HIV, isso funciona como

um lembrete constante da própria sorologia como forma de sofrimento. Cada dose reativa sentimentos que acompanham o diagnóstico, como medo, estigma, culpa e receio de ser descoberto. Em muitos casos, o tratamento passa a ocupar a centralidade na vida cotidiana, com o HIV sempre em primeiro plano. Quando o estudo demonstra que é possível manter a supressão virológica com um regime simplificado, isso não é apenas um dado técnico. A vida com o HIV é colocada em perspectiva: o comprimido único diário significa menos momentos de exposição, menos preocupação com horários múltiplos e menos tensão psicológica em contextos sociais. Essa simplificação reduz a sobrecarga emocional associada ao tratamento e favorece uma sensação maior de autonomia e normalidade. Sobre adesão, é fundamental entender que as maiores dificuldades não são apenas técnicas. Elas são, sobretudo, emocionais e sociais. O estigma continua sendo um fator determinante. Muitas pessoas vivem com medo de que alguém veja o medicamento, descubra sua sorologia e exponha sua condição de saúde. Isso leva a esconder comprimidos, atrasar doses e, em alguns casos, abandonar o tratamento. Além disso, quadros de depressão, ansiedade e uso problemático de substâncias impactam diretamente a regularidade da adesão. Quando um estudo como esse propõe simplificar o regime terapêutico, ele não está apenas facilitando a logística do tratamento. Ele reduz barreiras subjetivas e sociais reais que interferem na vida dessas pessoas. É isso, do ponto de vista da saúde mental, é extremamente relevante.

GUILHERME LIMA, psicólogo clínico com atuação voltada para a saúde mental de pessoas que vivem com HIV/Aids e da população LGBTQIAPN+

LONGEVIDADE

O segredo dos supercentenários

Conhecidos pela impressionante preservação cognitiva, os chamados superidosos não apenas têm memória afiada até os 80 anos ou mais. Seus cérebros, segundo um novo estudo publicado na revista *Nature*, continuam a gerar novos neurônios no hipocampo em níveis muito superiores aos de adultos mais velhos típicos, e até mesmo de pessoas bem mais idosas.

A descoberta é de pesquisadores da Universidade de Illinois em Chicago (UIC), que examinaram cérebros doados pelo Programa SuperAger, da Universidade de Northwestern, também nos Estados Unidos. Os “SuperAgers” são um grupo único de adultos com mais de 80 anos cujo desempenho em testes de memória episódica foi igual ou superior ao de pessoas na faixa dos 50 anos.

Ao longo de mais de 25 anos de pesquisa sobre isso na Northwestern,

os cientistas documentaram diferenças biológicas e comportamentais nesse grupo, desde um afinamento cortical mais lento até fatores de estilo de vida, como maior envolvimento social. Mas esse é o primeiro estudo a identificar uma diferença genética entre eles e os demais idosos.

Mais plasticidade

“Sempre dissemos que os SuperAgers demonstram que o cérebro em processo de envelhecimento pode ser biologicamente ativo, adaptável e flexível, mas não sabíamos o porquê”, disse a coautora Tamar Gefen, professora associada de psiquiatria e ciências comportamentais na Faculdade de Medicina Feinberg da Universidade Northwestern e neuropsicóloga no Instituto Mesulam de Neurologia Cognitiva e Doença de Alzheimer da instituição. “Essa é uma prova

biológica de que seus cérebros são mais plásticos e uma descoberta real que mostra que a formação de neurônios jovens no hipocampo pode ser um fator contribuinte.”

Embora os cientistas já tenham documentado há muito tempo a neurogênese contínua (a criação de novos neurônios) em animais como ratos, as evidências em humanos são contraditórias. O estudo atual não só confirma que o processo ocorre em humanos como descobriu que os superidosos produzem entre duas e duas vezes e meia mais neurônios novos do que seus pares — sejam saudáveis ou com doença de Alzheimer —, o que pode ajudar a explicar por que sua memória permanece forte com a idade.

Os cientistas também descobriram uma “assinatura de resiliência” distinta nos hipocampus dos SuperAgers — um ambiente celular único que favorece o nascimento

e a sobrevivência de novos neurônios. “Esse é um grande passo em frente na compreensão de como o cérebro humano processa a cognição, forma memórias e envelhece”, disse a autora correspondente Orly Lazarov, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Illinois. “Determinar por que alguns cérebros envelhecem de forma mais saudável do que outros pode ajudar os pesquisadores a desenvolver terapias para o envelhecimento saudável, a resiliência cognitiva e a prevenção da doença de Alzheimer e demências relacionadas.”

Fator-chave

O estudo também descobriu que alterações em dois tipos de células cerebrais — astrócitos e neurônios CA1 — são fatores-chave para determinar a eficácia da cognição e da memória à medida



Shane Collins/Divulgação

“SuperAgers” mostram desempenho incrível de memória depois dos 80

que o hipocampo envelhece. Os resultados sugerem que preservar a integridade das sinapses excitatórias — os principais locais de comunicação neuronal e formação de memória no cérebro — pode ser um alvo potencial para intervenções medicamentosas destinadas a prevenir o declínio cognitivo.

“O que emerge deste estudo é

a ideia de que os superidosos são, em geral, muito distintos”, disse o coautor Changiz Geula, professor de pesquisa do Instituto Mesulam. “Os programas genéticos que sustentam a sobrevivência e a comunicação das células cerebrais permanecem ativos nessas células dos superidosos, mas são desativados na doença de Alzheimer.”